

FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

# VERBO E ESTRUTURAS FRÁSICAS

Actas do IV Colóquio Internacional  
de Linguística Hispânica

(Leipzig, 22-25 de Novembro de 1993)



PORTO — 1994

# ÍNDICE

## PRÓLOGO

<i>Sintaxis y semántica de los verbos en el español y el portugués de hoy</i> .....	11
---	----

## DESCRICOES COGNITIVAS E SEMANTICAS

1. CARLOS HERNÁNDEZ SACRISTÁN <i>Valencia y tipos generales de semántica verbal: transiciones vs. prototipos categoriales</i> .....	21
2. PABLO KIRTCHUK <i>La naturaleza del verbo: aspectos lingüísticos y cognitivos</i> .....	33
3. LONE SCHACK-RASMUSSEN <i>Esbozo de una teoría semántica de los verbos españoles y su influencia sobre las construcciones adverbiales</i> .....	45
4. GERD WOTJAK <i>Actantes y sus correspondencias semánticas en verbos</i> .....	71

## CAMPOS SEMANTICOS CONSTITUIDOS POR VERBOS

1. DAGMAR DIETZ-HERTRICH <i>El campo semántico-funcional de los sonidos producidos por la voz humana</i> ..	95
2. PAMELA FABER <i>Rasgos perceptuales en la estructuración del léxico</i> .....	111
3. CATALINA JIMÉNEZ <i>La pragmática en el léxico — Un análisis lexicológico contrastivo de los verbos del decir en español y alemán</i> .....	121
4. BRENDA LACA <i>¿Existen los verbos presentativos?</i> .....	141

## DESCRIÇÕES MORFOSSINTÁTICAS

1. ANNETTE ENDRUSCHAT  
*A triade adverbial - verbo - pronome clítico no português actual: gramaticalização vs. pragmatização* ..... 155
2. EBERHARD GÄRTNER  
*Oraciones adverbiales — ¿dependientes de la valencia del predicado?* ..... 171
3. INMACULADA PENADÉS MARTÍNEZ  
*El análisis de alguns verbos atributivos en el Diccionario de Uso del español de M. Moliner* ..... 183
4. MÁRIO VILELA  
*Circunstancias e predicados complexos* ..... 195
5. CARLOS SUBIRATS RÜGGERBERG  
*Restricción de Proyección y la pasiva con se en español* ..... 217
6. LUIZ CARLOS TRAVAGLIA  
*O verbo e a ordenação referencial de situações em diferentes tipos de textos..* 225
7. RICARDO MALDONADO  
*Dativos de interés, sin intereses* ..... 241

## COLOCAÇÕES VERBAIS

1. CHRISTINE HUNDT  
*Construções de verbo + substantivo: estrutura, semântica e posição dentro da fraseologia* ..... 267
2. JESUS IRSULA  
*Entre el verbo y el sustantivo quién rige a quién? El verbo en las colocaciones sustantivo-verbales* ..... 277
3. FERDINAND JAVIER DE COS RUIS E MANUEL RIVAS ZANCARRÓN  
*Construcciones con andar: modelo de análisis en una teoría del signo lingüístico* ..... 287
4. KAZUMI KOIKÉ  
*Construcciones del verbo soporte andar + sintagma preposicional* ..... 299

## A TRÍADE ADVERBIAL-VERBO - PRONOME CLÍTICO NO PORTUGUÊS ACTUAL: GRAMATICALIZAÇÃO VS. PRAGMATIZAÇÃO

ANNETTE ENDRUSCHAT  
Universidade de Leipzig

0. Ao estudar a língua portuguesa, o não-lusofalante encontra-se confrontado com um fenómeno sintáctico que não existe nas outras línguas românicas: a colocação dos pronomes de objecto átonos, denominados também pronomes clíticos, em relação ao verbo principal. Optando pela próclise (*Não o vejo./Não sei onde se encontra./Porque não me dizes a verdade./Já me deu o livro.etc.*) ou pela ênclise (*Digo-lhe que virás./Ajudou-me muito. etc.*), o falante tem que considerar não só o tipo de oração e o ambiente sintáctico verbal, mas igualmente — o que complica bastante uma opção adequada — aspectos semânticos e pragmáticos, sendo assim que muitas vezes há duas soluções sintacticamente correctas (*Na casa encontram-se três pessoas./ Na casa se encontram três pessoas.*) as quais, porém, não correspondem sempre às intenções comunicativas.

Verbo e pronome clítico formam em português um complexo sintáctico e semântico, servindo de base à clitização o verbo. Na ênclise, colocação não-marcada, «normal», e na mesóclise, caso especial da ênclise, esta clitização traduz-se por amalgamentos ou mesmo alternâncias morfo-fonológicas (*chamamos + o → Chamamo-lo, chamaremos + o → chamá-lo-emos*), facto que poderia levar-nos a supor, com STOLZ (1992), um novo paradigma conjugacional futuro e traços de flexão de objeto, já que, segundo as teorias chomskyanas modernas, o pronome está gerado junto com o verbo, o que corresponde igualmente aos pressupostos da Gramática Funcional.

Mas a tendência de gramaticalização encontra-se contrariada por vários processos de pragmatização da colocação dos pronomes clíticos em

relação ao verbo. Isto se observa não só no português extra-europeu mas também nos diversos registos do português de Portugal (PETRUCK 1990).

A seguir pretendo mostrar, depois de um esboço do desenvolvimento da cliticização dos pronomes ao verbo, de que maneira se pode efectuar uma estreita interacção sintáctica e semântica, com a presença de um adverbial<sup>1</sup> posicionado antes do verbo principal, entre as duas categorias e que liberdades pragmáticas existem para constituir a semântica predicativa através da colocação dos pronomes clíticos<sup>2</sup>.

1. Face à força constructora frásica do verbo e ao processo da «verbal attraction» (HEINE/REH 1984, 50) temos que partir de uma estreita conexão dos pronomes ao verbo. Primeiro temos que admitir que os pronomes constituem uma lista morfológica fechada, revelando uma semântica pobre e vaga, mas que são capazes de substituir na oração cada nome ou grupo nominal, exercendo desta maneira uma função relacional ou deíctica quase universal. Os nomes e grupos nominais substituídos por eles dependem da valência sintáctica e semântica do verbo. Segundo a teoria da Gramática Generativa mais recente, todos os complementos verbais são gerados imediatamente com o verbo. BIERWISCH (1983) fala neste contexto de *operadores Lambda* do complexo verbal, os quais são «ligados» (substituídos por unidades lexicais, « gebunden» em alemão) ao nível da proposição. Na teoria de DIK (1989), afastando-se desta maneira do ponto de vista tradicional da estrutura monostrática da frase, diferencia-se entre estrato de predicado, predicação, proposição e oração, demonstra que os elementos que operam enquanto ‘operadores’ de predicados ou de predicações modificam a predicação nuclear.

Como é óbvio, todas estas teorias tematizam a dependência sintáctica e semântica dos objectos (e dos pronomes de objecto) em relação ao predicado. A seguir vou mostrar que a colocação do pronome contribui para constituir a semântica do complexo predicativo<sup>3</sup>, exemplificando esta hipótese com frases contendo adverbiais.

---

<sup>1</sup> Prefiro o termo de “adverbial” abrangendo advérbios e grupos adverbiais como complementos de tempo e lugar.

<sup>2</sup> Focando desta maneira a relação entre sintaxe, semântica e pragmática - as três componentes clássicas da linguística - verifica-se mais uma vez que a linguística não se pode contentar em descrever a estrutura como qualquer coisa de gramaticalizado e fossilado para sempre, sem ter em conta a dimensão de como se aplicaram as estruturas, durante o acto de fala. Lembro que GIVON (1979, 227) constatou que a gramaticalização tinha o seu início em geral na pragmática, no «stress» comunicativo.

<sup>3</sup> Compare-se o trabalho de VILELA neste livro, onde mostra que temos de partir de uma interacção semântica entre predicado e seus actantes e circunstantes.

Em português, a referida coesão traduz-se pela clitização do pronome ao verbo, clitização não só sintáctica como também, no caso da ênclise e mesóclise, morfológica:

- (1) Hoje *tornaram-nas* revistas de moda.
- (2) *Dar-vos-emos* o dinheiro na semana que vem.

Isto não foi sempre assim. Em português arcaico, a colocação dos pronomes de objecto era mais ou menos livre, podendo servir de base para a clitização quase cada elemento (lexical) da oração, de preferência o primeiro. Por causas fónico-rítmicas — o português falou-se cada vez mais depressa — os pronomes perderam a tonalidade, facto que levou à privilegiação da postposição ou ênclise dos pronomes a um elemento mais acentuado segundo o automatismo «pronome átono segue o primeiro elemento tónico da oração». É importante sublinhar que o respectivo elemento básico tornou-se, através da ênclise de um pronome, mais acentuado e mais saliente semanticamente. Podemos constatar que, já nessa altura, a posição dos pronomes clíticos podia ser empregue para efeitos pragmáticos <sup>4</sup>.

A dado momento da evolução do português, o verbo como centro da oração tornou-se a base predilecta para a ênclise dos pronomes átonos, o que fazia com que o sujeito, enquanto elemento temático da frase, já não era considerado suficientemente «importante» para obter, através do pronome enclitizado, uma maior tonalidade <sup>5</sup>.

Podemos postular que a ênclise dos pronomes átonos ao verbo constitui um momento inovatório no português moderno e que tem essencialmente a ver com o valor semântico do verbo, sendo o verbo o elemento frásico com a maior saliência fónica, ou, nas palavras de LAWTON (1965, 348):

«C'est la valeur sémantique du verbe qui provoque la tendance à la postposition du pronom atone [...]»

---

<sup>4</sup> Compare-se as seguintes citações, encontradas todas em MESSNER (1994):  
«Eu lhe abaterei o orgulho, que tem.» (Bluteau 1712, cit. em MESSNER 1994, 263)  
«O capitão lhes respondeu que [...]» (Academia Real 1793, cit. em MESSNER 1994, 70)  
«E se purgáão pelas urinas[...]» (Academia Real 1793, cit. em MESSNER 1994, 293)  
«Se toma por huma sociedade [...]» (Marques, 1764, cit. em MESSNER 1994, 48)

<sup>5</sup> Subsiste o sujeito enquanto base da ênclise p.e. na sentença formalizada:  
«E eu vos declaro marido e mulher.»

Este facto faz com que SAID ALI (1966, 34) diga sobre o português no século XIX:

«Em português hodierno usam-se duas construções e podem até vir, sem o menor inconveniente, bem perto uma da outra: Há entre nós um abysmo: Tu o abriste, eu precipitei-me nele.(Herculano, Eur.)»

Por outro lado, a função frásica do verbo é apoiada pela ênclise de um pronome posposto.

Tal acontece somente, como é sabido, nas orações onde o verbo não está precedido de um outro elemento contendo uma informação forte, como p.e uma conjugação subordinante ou um adverbial. Nos referidos casos, são aqueles elementos que servem de base à ênclise dos pronomes e os pronomes antepõem-se deste modo ao verbo. Daí resulta a funcionalização da sínclise dos pronomes enquanto marcador do tipo de oração, sendo a ênclise ao verbo a posição não-marcada na oração principal:

- (3) Por isso um autor, quanto escreve, *torna-se* outro em relação a si mesmo.
- (4) Mas eu *acho-a* normal <sup>6</sup>.
- (5) Aliás estes *diminuem-no*.

e a próclise ao verbo, ou bem a ênclise a um outro elemento da frase, a posição marcada típica para orações subordinadas, interrogativas com um pronome de interrogação, orações negadas ou introduzidas por adverbiais:

- (6) *Dai se escapuliria* nos recessos da carroça. (84)

Contudo, a função de marcar o tipo de oração não pode ser considerada a função preliminar da colocação verbo — pronome, pois encontramos, como tem que ser ainda demonstrado, colocações respectivamente inversas em ambos os tipos de oração. A colocação dos pronomes constitui antes a tradução sintáctica de certos aspectos da semântica predicativa, e foi exactamente isto que levou à diversificação do posicionamento.

---

<sup>6</sup> A conjunção coordenadora *mas*, tal como também *e*, não podem servir de base para a enclitização, dada a sua fraca importância semântica para o predicado: só coordenam ambos duas orações e não tocam no seu significado.

Dada a dimensão semântica da colocação dos pronomes clíticos, é natural ela ter igualmente um aspecto pragmático<sup>7</sup>. O falante tem uma certa liberdade em posicionar o pronome em dependência do valor semântico e enfático que atribui aos diversos elementos da frase.

2. Temos visto que, no português moderno, o verbo se tornou a base para a clitização dos pronomes de objecto, o que corresponde ao princípio universal da evolução estrutural da língua denominado por HEINE/REH (1984, 50-55) «verbal attraction». Temos visto também que a posição normal, não-marcada, é a ênclise do pronome ao verbo. STOLZ (1992, 444) fala de um processo de gramaticalização<sup>8</sup> e vê, na colocação dos pronomes depois do verbo como caso não-marcado, traços de flexão verbal, comparável a fenómenos similares em línguas com conjugação de objecto como o gronlandês ou as línguas bantu. Para o provar, STOLZ (1992, 439) indica os argumentos seguintes:

- a alternância morfo-fonológica dos morfemas pronominais;
- o fenómeno da mesóclise, i.e. da inclusão morfológica do pronome nas formas verbais de futuro e condicional;
- o uso obrigatório do pronome clítico em caso de movimento para a esquerda do complemento de objecto:

(7) As interrogações a pôr acerca disso já *as tinha* formulado noutro tempo<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Por pragmática entendo a relação signo — utente do signo (segundo MORRIS 1938), quer dizer, o emprego duma proposição num determinado contexto enquanto a semântica é definida como significado invariável e inerente a um lexema. Nas teorias linguísticas não está claro se a ordem dos constituintes frásicos é um fenómeno sintáctico com implicações semânticas ou bem um fenómeno pragmático com implicações sintácticas. Estou convicta de que manifestações obviamente sintácticas tais como a ordem das palavras ou, no nosso caso, a posição dos pronomes em relação ao verbo podem ressaltar da pragmática.

<sup>8</sup> Por gramaticalização entende-se aqui o processo em que uma unidade lexical se torna de mais em mais um elemento exercendo uma função gramatical, afastando-se da sua semântica independente, às vezes através de uma metaforização. No caso dos pronomes clíticos, gramaticalização alude ao facto que eles, na ênclise ao verbo, se integram, indicado pelo hífen, na forma verbal, deixando de ocorrer como unidades lexicais independentes e tomando o aspecto de uma desinência.

<sup>9</sup> Quando o complemento de objecto precede o verbo (e só neste caso), o emprego do respectivo pronome depois do verbo é obrigatório.



Com base nestas características será possível termos um novo paradigma de conjugação com objecto:

*Conjugação do presente:*

chamo-o  
chama-lo  
chama-o  
chamamo-lo  
chamai-lo  
chamam-no

*Conjugação do futuro simples:*

chamá-lo-ei  
chamá-lo-ás  
chamá-lo  
chamá-lo-emos  
chama-lo-eis  
chama-lo-ão

Analisando estas formas, mostra-se que há um processo de clitização que leva à fusão, o que traz consigo a perda da independência sintáctica e da diferenciabilidade morfológica dos pronomes clíticos. No caso do objecto de referência colocado antes do verbo, a presença do pronome clítico é obrigatório, resultando numa dependência crescente do pronome em relação ao verbo, ao qual se encontra cada vez mais acoplado. O ponto final desta evolução será, segundo HEINE/REH (1984), o «zero phonological content», quer dizer, forma e conteúdo seriam neste ponto reduzidos a zero. Tudo isso apoia a tese da gramaticalização da ênclise pronominal em português.

Duma certa maneira, poder-se-ia ver nisto um processo de sintetização, que se opõe ao carácter em primeiro lugar analítico do português, constituindo a clitização dos pronomes, à parte da flexão conjugacional em tempo (no caso dos tempos simples, analíticos), pessoa e número, assim como a fusão de certas preposições com o artigo definido, os únicos traços de tipo sintético em português moderno. Com os tempos compostos, a falta da flexão nominal (declinação) e a formação de palavras compostas por juxtaposição, o português desde há muito tempo está caracterizado como língua sobretudo analítica. Na maioria das línguas, ambas as tendências coexistem, o que leva a uma evolução em espiral. No que respeita à colocação dos pronomes clíticos, vê-se bem esta coexistência. Uma das forças motrizes exteriores (quer dizer fora da própria língua) situa-se indubitavelmente na pragmática, radicando no uso linguístico.

Para resumir este parágrafo, constatamos que as contracções de verbo e pronome enclítico, motivadas foneticamente, atribuem com certeza traços flexionais à língua portuguesa e justificam falar de paradigmas flexionais com conjugação de objecto. Mas não se pode comparar o português com as línguas propriamente ditas de tipo flexão de complementos, onde cada complemento aparece obrigatoriamente sob forma de um morfema flexional,

independentemente da posição do grupo nominal ao qual o pronome se refere, dentro da frase. Nestas línguas pode falar-se de gramaticalização da colocação dos pronomes de objecto.

**3.** Contrariamente a uma evolução similar progressiva, em português se observa a tendência para a dissolução do sistema descrito, não acabado, tanto no que diz respeito à conjugação com traços de flexão de objecto, como em relação ao posicionamento dos pronomes. Encontramo-nos perante um sistema aberto e em fluxo, onde, mais uma vez, coexistem traços sintéticos (ênclise e mesóclise) e traços analíticos (próclise). As tendências são as seguintes:

— fuga ao amalgamento morfo-fonológico recorrendo-se à colocação proclítica na oração principal (a observar sobretudo no português extra-europeu);

— substituição dos pronomes clíticos pelos pronomes tónicos (*Ihe - a ele, o - ele*, sobretudo no Brasil);

— liberdades semântico-pragmáticas no posicionamento dos pronomes clíticos em relação ao verbo;

— fuga à mesóclise <sup>10</sup>.

Todas estas tendências se observam particularmente nos registos menos oficiais e de preferência na fala. Resultam construcções contrariando a ordem canónica.

Em primeiro lugar, as causas residem em estratégias pragmático-discursivas que possibilitam ao falante evitar construcções não-evidentes do ponto de vista morfológico em que não existe isomorfia entre o conteúdo e a forma (o que ocorre no caso da mesóclise e das formas amalgamadas referidas em 2.) ou, por potras palavras, evitar construcções complexas.

Tais estratégias parecem actuar, inconscientemente, contra a ênclise dos pronomes de objecto, preferenciando a colocação proclítica. Apesar de o estatuto da pragmática dentro da linguística ser discutido, proponho falar neste contexto de pragmatização. Sirva de exemplo a seguinte frase:

(8) *Só perto do final nos é revelado o pentágono da felicidade.*

Um outro lado da pragmática consiste em aproveitar a dimensão semântica da colocação sintáctica e da ordenação dos membros fráscicos, o

---

<sup>10</sup> Outra possibilidade para evitar a mesóclise consiste na simples ênclise: Às vezes diria-me que [...], exemplo tirado da revista «Máxima».

que está ligado estreitamente ao conceito de tema-rema (Thema-Rhema-Gliederung) e à topicalização. Como foi referido em 1., o pronome clítico causa uma maior saliência do elemento que o precede. Segundo este princípio que tem as suas raízes na fonética, pode-se salientar o membro da frase ao qual o falante atribui uma grande importância. Pode ser relevado desta maneira o tema:

- (9) *A acção se relaciona* com o seu carácter.
- (10) *O João se apresentou* como alguém que [...].
- (11) *Das feridas, porém, se poderão* tirar ensinamentos.
- (12) *Tanto o centro como o ponto se expandem* em qualquer direcção[...].

ou, mais raramente, o rema:

- (13) *Três pessoas nos aproximaram* [...] <sup>11</sup>.

De (9) até (12) trata-se de orações principais, onde seria correcto pospor o pronome, segundo a regra canónica (o que, porém, produziria uma proposição muito mais neutra).

Depois de certos pronomes indefinidos, este fenómeno já foi gramaticalizado (CUNHA/CINTRA 1984, 313):

- (14) *Toda a leitura nos levará* de aventura em aventura. (64)
- (15) O vocabulário musical é o mesmo em todas elas, e em *todas se renova* permanentemente. (53)
- (16) *Outros se lhe seguiram*.

*Todo e outro* são focalizados através da ênclise de um pronome, enquanto a ênclise ao verbo salientaria mais o predicado. Mas no caso de *todo* e *outro* é natural estes elementos terem maior relevo, tratando-se de lexemas enfáticos *per se*, o que tem implicações directas para o complexo predicativo, quer dizer, o predicado é, através de *todo e outro*, generalizado quanto à sua esfera de actividade. Este exemplo evidencia que a capacidade focalizadora da ênclise de pronomes de objecto, que nasceu numa estratégia comunicativa, foi gramaticalizada. Tal parece ser o caso também de certos adverbiais, o que vai ser tratado em 4.

---

<sup>11</sup> Neste exemplo, o rema foi topicalizado o que se traduz pela colocação do pronome antes do predicado.

4. PETRUCK (1989) comprova que, no português moderno, os advérbios que precedem o verbo e que modificam directamente a sua semântica provocam a deslocação pronominal, i.e. a próclise ao verbo e, através disso, a ênclise ao advérbio. Tal acontece com os advérbios de negação, de inter-rogação, com os indefinidos, mas também com os advérbios que especializam, restringem ou amplificam o valor semântico predicativo tal como *já, até, também, só, quase, sempre* etc. Por consequência, isto não deveria acontecer no caso dos adverbiais de tempo e lugar como *agora, aqui, lá,* etc. e tão pouco no caso de elementos puramente adicionais que não modificam a semântica predicativa. Antes de mostrar a relação entre adverbial, semântica predicativa e colocações dos pronomes clíticos, convém dizer algo sobre a noção de adverbial.

Em dependência do nível da sua acção modificadora em relação ao verbo<sup>12</sup> que é visto como o centro da oração, diferencia-se em geral entre advérbios de verbo (advérbios centrais)<sup>13</sup> e advérbios de frase (advérbios periféricos ou livres). Em ambos os casos, o adverbial determina e modifica a semântica da oração, daí a denominação de *modificadores*. Quanto aos advérbios circunstanciais (de tempo, lugar, modo etc.) nem sempre está evidente sobre que nível operam. Contudo, são igualmente capazes de contribuir para a constituição da semântica verbal<sup>14</sup>. Assim, constatamos que tanto os modificadores como os circunstantes são constituintes potenciais do complexo predicativo, sendo isto relevante para a presente análise.

Quanto à sua posição sintáctica, é normalmente depois do verbo, o que corresponde aos postulados da Gramática Natural<sup>15</sup>. Mas, em português é possível cada adverbial colocar-se antes do verbo (topicalização). Trata-se aqui mais uma vez de uma opção pragmática do falante<sup>16</sup>.

No caso de o adverbial preceder o verbo, é possível separá-lo do complexo verbal mediante uma vírgula, indicando esta uma separação do predicado igualmente ao nível semântico. Ao contrário, no caso dos adverbiais centrais antepostos ao verbo que fazem parte integrante da semântica verbal, não se põe uma vírgula.

---

<sup>12</sup> Segundo MINGORANCE (1993, estes níveis são: predicado, predicação, proposição, oração.

<sup>13</sup> Estes dependem essencialmente da semântica verbal como cada argumento e são provavelmente sememizados, i.e. imanentes ao verbo, p.e. *comportar-se (bem, mal)*.

<sup>14</sup> Veja-se o estudo de VILELA, neste livro.

<sup>15</sup> A Gramática Natural prevê que os elementos modificando um outro seguem este, e que um elemento que modifica o verbo mais do que um outro se coloca mais perto do verbo do que um elemento que o modifica menos.

<sup>16</sup> Tenho que abstrair, em relação ao tema escolhido e à limitação de espaço, da grande variedade na ordem das palavras possível em português, restringindo-me a analisar construções não-enfáticas, onde o adverbial é topicalizado, quer dizer, colocado antes do verbo, e nas quais, entre adverbial e predicado, não há qualquer outro elemento frásico.

Desta maneira, um adverbial circunstancial de lugar, p.e., pode-se antepor ao verbo sem vírgula e entrar numa coesão semântica com o verbo:

- (17) *Nisto se cruzam* dois problemas [...].
- (8) *Só perto do final nos é revelado* o pentágono da felicidade.

Nos exemplos (17) e (8), os pronomes clíticos que ocorrem na frase encontram-se em posição proclítica, devido ao peso semântico do adverbial colocado antes do predicado, mas, por sua vez, contribuindo desta maneira para a saliência e acentuação do adverbial. É importante sublinhar que *esta ordem sintáctica não é gramaticalizada, mas sim o resultado de uma opção pragmática, possibilitada pelo efeito semântico da colocação dos membros frásicos, em português*. As duas frases a seguir exemplificam a opção contrária, onde o adverbial é separado do predicado, pela vírgula na grafia e por uma pausa, na fala:

- (18) No rio, *cruzam-se* cacilheiros.
- (19) Aos grandes empreendimentos hoteleiros, *contrapõem-se* os velhos solares [...].

Para evidenciarmos a complexidade duma tal opção entre próclise e ênclise pronominal em frases introduzidas por um adverbial, comparem-se as citações seguintes acerca desta problemática. SAID ALI (1966, 34) escreve, com uma certa indeterminação:

«[...] alguns advérbios parecem determinar sempre a deslocação pronominal. Avultam, entre outros, as negativas *não, nunca, jamais*, quando se acham antes do verbo a que modifiquem diretamente.»

Na gramática de MIRA MATEUS et alii (1989, 330), onde as partículas de negação assim como os advérbios são denominados *operadores*, lemos:

«Consideremos em primeiro lugar a ordem cl-V. São as seguintes as condições que a determinam: a ocorrência, em estrutura-S, de um operador em posição pré-verbal, incluem-se neste caso frases com uma negação predicativa, [...] e frases em que o sujeito (em posição pré-verbal) está sob o escopo de um operador como *apenas, até, mesmo, só, também*, [...].»

CUNHA/CINTRA (1984, 313) opinam, quanto à presença de adverbiais antes do verbo com pronome clítico:

«[...] a língua portuguesa tende à próclise pronominal: a) quando o verbo vem antecedido de certos advérbios (*bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez*, etc.) ou expressões adverbiais, e não há pausa que os separe [...].»

STOLZ (1992, 446), no seu trabalho sobre a flexão de objecto, escreve, de maneira muito geral:

«Die Wahl zwischen Proklise und Enklise ist zu einem Gutteil davon abhängig, ob bestimmte Elemente wie Konjunktionen, Negationsadverbien, subordinierende Präpositionen, Subjektpromina etc. die Position im Vorfeld der als Trägerelement fungierenden Verbform besetzen.»

Finalmente, PETRUCK (1989, 245), estudando pormenorizadamente a colocação dos pronomes clíticos nos diversos registos do português, remete para o papel dos elementos preverbiais (como partículas de negação ou adverbiais) no contexto da semântica predicativa:

«Es ist somit nachvollziehbar, daß bei Vorhandensein eines das Verb betreffenden Negationselementes das Verb die Pronominalstellung, welche seine 'Selbstgenügsamkeit' signalisiert, die Enklise, aufgibt und mittels der Proklise auf jenes für die Konstitution der Verbalbedeutung unverzichtbare präverbale Element verweist.»

Todavia, a opção pela ênclise ou pela próclise não é nada automatizada e, talvez, quase em nenhum caso seja gramaticalizado no sentido em que, numa dada construção sintáctica, seria gramatical apenas *uma* colocação. Assim, p.e. é exacto dizer (e escrever):

(6) *Dai se escapuliria* nos recessos da carroça.

ou

(20) *Dai espalhou-se* em todas as direcções.

A diferença entre as duas construções reside no acento posto sobre o adverbial *dai*, sendo em (21) focalizado e integrado no complexo predicativo, exprimindo o ponto da partida que está contido na valência semântica do verbo *escapulir*.

As seguintes frases mostram também que a próclise pronominal ao verbo é devida ao facto de o adverbial referir-se directamente à semântica predicativa, o que leva à topicalização dele:

- (21) *Pela calada da noite, tão-só, se atrevia* a abandonar o escondido.
- (22) *Deste modo se vai construindo* o que chamamos história da literatura.

Mas, ocorrendo, por causas pragmáticas, uma pausa entre adverbial e predicado (grafiada pela vírgula), preferiríamos a ênclise do pronome ao verbo:

- (23) Deste modo, o trabalho das mulheres e das crianças *tornou-se* a primeira palavra no uso capitalista das máquinas.

Opções pragmáticas similares constata-se também com adverbiais, onde as gramáticas prescrevem a ordem canónica:

a) advérbios de tempo: *agora, então, primeiro*, etc. assim como grupos adverbiais temporais: → ênclise do pronome ao verbo, mas:

- (24) *Então o viram para nunca mais o verem*. (FIGUEIREDO 1909, 227)

b) advérbios inclusivos: *até, mesmo, ainda por cima, também*, etc.: → próclise, porque afectam imediatamente a semântica predicativa, mas:

- (25) Até *bate-se* para que os outros tenham paz.
- (26) A Isabel também, *disse-me* que [...]

c) advérbios de realce: *só, já*, etc.: → próclise, porque especializam o predicado, mas:

- (27) Já agora, *dou-te* uma ajuda.
- (28) Só dois contos, *custou-me* esta aqui<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Os exemplos (25) até (28) são tirados do trabalho de PETRUCK (1989,248-252) por representarem frases típicas capazes de apoiar a hipótese da pragmatização da colocação pronominal e sua relação com função dos adverbiais preverbiais.

d) advérbios de lugar: *aqui, ali, cá*, etc. assim como grupos adverbiais locais: → ênclise, porque constituem circunstanciais (advérbios centrais ou periféricos) que não modificam imediatamente a semântica verbal, mas:

- (29) Em português muitas vezes *substituem-no* [...].
- (30) Junto das grandes camadas da população ele *tornou-se* conhecido.
- (31) Em linguagem técnica *chamam-se* «motivos».

Espero ter mostrado que a colocação do pronome clítico, em frases introduzidas por um adverbial, depende em primeiro lugar da intenção pragmática. De um modo geral, «tudo» parece ser possível.

5. As orações subordinadas geralmente são tratadas como lugares comuns da posição proclítica. Contudo, temos que constatar também para elas uma certa liberdade pragmática da parte do falante. As citações seguintes provêm da língua oficial oral e escrita e evidenciam que através da ênclise pronominal, atribui-se uma maior independência semântica ao complexo predicativo da oração subordinada que se aproxima, desta maneira, de uma oração principal:

- (32) Pessoalmente, acho que a moda actual *documenta-nos* sobre o que se está a passar.
- (33) Porque, no fundo, *constata-se* que elas atribuem a maior atenção à profissão.
- (34) A vida começa com um ponto que ao expandir-se *torna-se* esfera.
- (35) As mulheres não tinham o direito de sobreviver ao prazer, enquanto no meu romance ela *sente-se* muito bem.
- (36) Tenho horror a *ver-me* no espelho, porque, sem que me prepare para tal, *acho-me* cada vez mais de uma fealdade humilhante.

Este fenómeno é de grande interesse para a descrição sintáctica do português moderno e sobretudo, do português coloquial<sup>18</sup>. Parece que aqui se trata de uma questão puramente pragmática que não pode ser descrita em termos de sintaxe.

---

<sup>18</sup> Aqui não é espaço para falar dos aspectos diastrático e diatópico da colocação pronominal (p.e. da preferência pela próclise na oração principal, no português do Brasil e da África, p.e.). Remeto para um outro trabalho meu, a ser publicado nas Actas do IV. Congresso Internacional dos Lusitanistas, 5-9 de Setembro de 1993, em Hamburg.



6. Para resumir a presente análise que, devido ao espaço limitado e ao estado inicial dos meus estudos sobre o assunto, fica preliminar, tento formular a hipótese seguinte:

1) Em português moderno, a colocação dos pronomes clíticos obedece a duas tendências:

- a) gramaticalização, na base duma funcionalização da ênclise e próclise, respectivamente, que se efectuou no decorrer da evolução da língua desde o português arcaico, e
- b) pragmatização, na base de opções comunicativas da parte do sujeito falante, aproveitando a força topicalizadora da colocação.

2) Estas duas tendências actuam paralelamente mostrando que o sistema linguístico vai evoluindo e que o processo de gramaticalização nunca pode ser dado como acabado.

3) É legítimo estabelecer regras fixando os mecanismos que provocam a próclise do pronome de objecto como caso especial da colocação pronominal, mas em termos duma descrição orientada no uso linguístico autêntico é indispensável considerar as opções pragmáticas pela ênclise ou próclise do pronome ao verbo.

4) Resumindo, o falante tem a opção: a) pela ênclise ao verbo, os elementos preverbiais separam-se do complexo predicativo e o pronome leva à focalização do verbo como centro da oração; b) pela próclise ao verbo, os elementos preverbiais (exemplificados aqui com os adverbiais colocados antes do verbo) obtêm maior relevo (fonético como semântico) dentro do grupo predicativo, servindo de base para a ênclise pronominal, o que põe em relevo a topicalização deles.

## BIBLIOGRAFIA

- AGUADO, MIGUEL/LEHMANN, CHRISTIAN (1989): «Zur Grammatikalisierung der Klitika im Katalanischen». *Raible, Wolfgang* (1989), 151-161.
- ALI, M. SAID (1966): *Dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro.
- BUBMANN, HADUMOD (1990): *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart (Kröner).
- BIERWISCH, MANFRED (1983): «Semantische und konzeptuelle Repräsentationen lexikalischer Einheiten». *RUZICKA, RUDOLF; MOTSCH, WOLFGANG (Ed.)*(1983), 61-99.
- CUNHA, CELSO; CINTRA, LUIS F. LINDLEY (1984): *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa (Edições João Sá da Costa).
- DIK, SIMON (1989): *The theory of Functional grammar*, Part 1: The structure of the clause. Dordrecht (Foris).

- ENDRUSCHAT, ANNETTE (1994, em imprensa): «Acerca da colocação dos pronomes clíticos no português de angolanos e moçambicanos, sua problemática no contexto dos diferentes registos e na aquisição da linguagem», comunicação feita no *Congresso Internacional de Lusitanistas*, 6-11/9/1993, Hamburg.
- FIGUEIREDO, CÂNDIDO DE (1909): *O problema da colocação de pronomes*, Lisboa.
- GIVÓN, TALMY (1979): *Discourse and Syntax*, New York, San Francisco, London (= Syntax and Semantics 12).
- HEINE, BERND; REH, MECHTHILD (1984): *Grammaticalisation and reanalysis in African Languages*, Hamburg.
- HEINE, BERND; CLAUDI, ULRIKE; HÜNNEMEYER, FRIEDERIKE (1991): *Grammaticalization. A Conceptual Framework*, Chicago (The university of Chicago Press).
- HUNDETMARK SANTOS MARTINS, MARIA TERESA (1982): *Portugiesische Grammatik*, Tübingen (Niemeyer).
- LAWTON, ROBERT A. (1965): «La syntaxe des pronoms personnels atones en ancien portugais: La phrase principale à sujet initial et à verbe initial», *Actas do V. Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Bd. III, Coimbra , 343-355.
- LEHMANN, CHRISTIAN (1985): «The role of gramaticalization in linguistic typology», *Seiler, Hansjakob: Brettschneider, Gunter* (1985), 41-52.
- MATEUS, HELENA MARIA MIRA; BRITO, ANA MARIA; DUARTE, INÊS; FARIA, ISABEL HUB (1989): *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa (Caminho).
- MARTÍN MINGORANCE, LEOCADIO (1993): vários Hand-outs, distribuídos por ocasião do IV Colóquio Internacional de Hispanística, 22-25/11/1993, em Leipzig.
- MESSNER, DIETER (1994): *Dicionário dos Dicionários Portugueses*, Bd. I, ABA-ABC, Salzburg (Institut für Romanistik der Universität Salzburg).
- MORRIS, WILLIAM (1938): *Foundations of the theory of signs*, Chicago.
- PETRUCK, CHRISTOPH (1989): *Sprachregister und Pronominalgebrauch im Portugiesischen*, Münstersche Beiträge zur romanischen Philologie 1, Münster (Kleinheinrich).
- RAIBLE, WOLFGANG (1989): *Romanistik, Sprachtypologie und Universalienforschung*, Beiträge zum Freiburger Romanistentag 1987, Tübingen.
- RAPOSO, EDUARDO PAIVA (1992): *Teoria da Gramática. A faculdade da linguagem*, Lisboa (Caminho).
- RUZICKA, RUDOLF; MOTSCH, WOLFGANG (Ed.)(1983): *Untersuchungen zur Semantik*, Berlin (Akademie-Verlag), (= studia grammatica 22).
- SEILER, HANSJAKOB; BRETTSCHEIDER, GUNTER (1988): «Language invariants and mental operations», *Conferência Interdisciplinária Internacional feita em Gummersbach/Colônia*, 18-23/9/1983, Tübingen (Language Universals Series 5).
- STOLZ, THOMAS (1992): «(Wieviel) Verbale Objektflexion im Portugiesischen? Ein typologischer Vergleich», *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung* 45/5 , 437-457.
- TESNIÈRE, LUCIEN (1959): *Eléments de syntaxe structurale*, Paris (Klincksiek).
- VILELA, MÁRIO (1992): *Gramática de valências: teoria e aplicação*, Coimbra (Almedina).
- WANNER, DIETER (1982): «Pragmatics and syntax in portuguese clitic placement», *Current Research in Romance Languages*, 194-206.